

TORNAR-SE PSICOTERAPEUTA: FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO CLÍNICO À LUZ DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

Marcos Galdino*; Thiago Benitez Mello**; Taiza Fernanda Ramalhais***; Maura Sandra da Silva do Nascimento****; Jéssica Gaspar da Costa*****

*Pós-doutorado em Teologia, e-mail: marcos_galdino@hotmail.com

** Doutor em Sociedade, Cultura e Fronteiras, e-mail: thiago_benitez@hotmail.com

*** Doutora em Psicologia, e-mail: ramalhaistf@gmail.com

**** Mestra em Ensino, e-mail: maura.nascimento@descomplica.com.br

***** Especialista em Neuropsicologia, e-mail: jessica.gaspar@descomplica.com.br

INFORMAÇÕES

Histórico de submissão:

Recebido em: 10 ago. 2024

Aceite: 14 ago. 2024

Publicação online: ago. 2024

RESUMO

Este estudo explora a formação de psicólogos clínicos sob a ótica da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), desenvolvida por Carl Rogers, enfatizando a importância de construir atitudes que facilitem a mudança através de uma relação terapêutica genuína, destacando a integração entre o desenvolvimento pessoal e profissional do terapeuta. A metodologia de estudo adota uma abordagem qualitativa, utilizando uma revisão integrativa de documentos, legislações e fontes bibliográficas, focando na interpretação dos desafios e práticas na formação de psicoterapeutas centrados na pessoa. Os resultados discutem os desafios da transição de aluno para psicoterapeuta, a necessidade de uma mudança na perspectiva tradicional, a importância da congruência e empatia, e a capacidade de o terapeuta criar um espaço seguro para o cliente explorar suas experiências. Concluindo que o desenvolvimento do terapeuta é um processo contínuo, que requer tanto aprendizado técnico quanto a internalização de atitudes facilitadoras que promovem o crescimento e a autorrealização do cliente.

Palavras-chave: formação em psicologia; abordagem centrada na pessoa; prática supervisionada; Carl Rogers; psicologia clínica.

ABSTRACT / RESUMEN

This study explores the training of clinical psychologists from the perspective of the Person-Centered Approach, developed by Carl Rogers, emphasizing the importance of building attitudes that facilitate change through a genuine therapeutic relationship, highlighting the integration between the therapist's personal and professional development. The study methodology adopts a qualitative approach, using an integrative review of documents, legislation and bibliographic sources, focusing on the interpretation of the challenges and practices in the training of person-centered psychotherapists. The results discuss the challenges of the transition from student to psychotherapist, the need for a change in the traditional perspective, the importance of congruence and empathy, and the therapist's ability to create a safe space for the client to explore their experiences. In conclusion, the therapist's development is an ongoing process that requires both technical learning and the internalization of facilitating attitudes that promote the client's growth and self-realization. Keywords: psychology training; person-centered approach; supervised practice; Carl Rogers; clinical psychology.

Keywords / Palabras clave: psychology training; person-centered approach; supervised practice; Carl Rogers; clinical psychology.

Copyright © 2024, Marcos Galdino; Thiago Benitez Mello; Taiza Fernanda Ramalhais; Maura Sandra do Nascimento; Jéssica Gaspar da Costa. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citação: GALDINO, Marcos; MELLO, Thiago Benitez; RAMALHAIS, Taiza Fernanda; NASCIMENTO, Maura Sandra da Silva do; COSTA, Jéssica Gaspar da. Tornar-se psicoterapeuta: formação do psicólogo clínico à luz da abordagem centrada na pessoa. *Iguazu Science*, São Miguel do Iguauçu, v. 2, n. 4, p. 30-35, ago. 2024.

INTRODUÇÃO

Os atendimentos psicoterápicos têm como base linhas teóricas específicas que orientam o profissional nas intervenções, concomitantemente, a abordagem centrada na pessoa, desenvolvida por Carl Rogers, consolida uma visão de mundo acerca do indivíduo em sua totalidade orgânica, plenamente capaz de desenvolver-se em seus próprios modos. Na formação de psicólogos clínicos, é essencial que se compreenda a construção da personalidade e o conceito de self, há uma valoração das experiências sobre a compreensão intelectual dos acontecimentos, considerando que é a partir dos sentimentos que a pessoa irá simbolizar as experiências e ampliar o seu campo perceptivo, gerando, assim, a mudança. Em termos rogerianos, é fundamental que o terapeuta estabeleça condições necessárias e suficientes para que a mudança de personalidade ocorra (ROGERS, 1992, 2009; TAMBARA, 1999).

Ao refletir sobre o desenvolvimento do terapeuta, Tambara e Freire (1999) não fazem distinção entre o movimento profissional e pessoal a ser realizado no campo da relação centrada no cliente, uma vez que ambos os aspectos estão continuamente interligados na garantia de uma relação terapêutica efetiva. Para tal, os autores ampliam a consciência sobre alguns percursos que o terapeuta deve considerar no processo de desenvolvimento, a saber, brevemente: não esvaziar o processo do cliente; ser capaz de identificar as suas próprias experiências que foram negadas ou distorcidas para, assim, não limitar o processo do cliente; evitar ser seletivo com experiências e sentimentos que possui segurança e familiaridade; aprender a descentrar de si mesmo, de suas necessidades e sentimentos

Seguindo estes pressupostos teóricos, vale ressaltar que as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para o curso de Psicologia, homologadas em 2004, estabelecem princípios e regulamentos essenciais para o planejamento, implementação e avaliação do curso. Entre suas orientações, destaca-se a obrigatoriedade do estágio em Psicologia como um componente prático fundamental para a formação do psicólogo e sua futura atuação profissional. O estágio, entendido como uma atividade didática e curricular, visa ao desenvolvimento de habilidades profissionais, preparando o estudante para a inserção no mercado de trabalho. Nesse contexto, o grupo de estagiários é orientado por um docente supervisor, cuja função é facilitar o processo de ensino-aprendizagem,

instrumentalizar a prática pedagógica e fortalecer as competências dos estudantes (PERES et al., 2003). Para a sua efetivação, a carga horária é cuidadosamente estruturada e são realizados em observância às normativas do Conselho Federal de Psicologia propostas pelo Código de Ética Profissional do Psicólogo.

No que concerne aos encaminhamentos, é relevante mencionar que as Clínicas-Escola de Psicologia, servem como o principal espaço para a prática profissionalizante dos estudantes de Psicologia. Essas clínicas têm como objetivo central atender às necessidades e demandas da comunidade. Nesse viés, para seguir os pressupostos teóricos acima expostos, caso o(a) cliente concorde e assine o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), é realizado a gravação em áudio das sessões, como o fazia Carl Rogers, objetivando a identificação nas transcrições da presença ou ausência das condições que o terapeuta deve fornecer para que a relação se configure enquanto terapêutica.

Embora este artigo não pretenda esgotar as discussões sobre o estágio clínico supervisionado, é relevante notar que, apesar de existirem alguns estudos sobre o tema, precisamos falar sobre o processo de "tornar-se psicoterapeuta" e os desafios encontrados na transição de acadêmico para profissional clínico. Utilizando a visão rogeriana como base, que se contrapõe às relações autoritárias de poder e enfatiza a colaboração e a autenticidade. Além de orientar as práticas psicoterápicas, a abordagem centrada na pessoa enfatiza o desenvolvimento integral e a capacidade de autorrealização, tanto em contextos clínicos quanto educacionais.

METODOLOGIA

Este estudo possui uma natureza básica e é delineado de maneira descritiva, com o objetivo de explorar e interpretar fenômenos relacionados à formação de psicólogos clínicos na abordagem centrada na pessoa. O método adotado é uma pesquisa de levantamento, com uma abordagem qualitativa que visa interpretar os fenômenos e atribuir significados profundos. Essa análise é conduzida por meio de uma revisão integrativa, fundamentada em documentos, legislações, arquivos e fontes bibliográficas (KAUARK; MANHÃES; MEDEIROS, 2010).

A coleta de dados envolveu a consulta a bases de periódicos, com critérios de inclusão focados em materiais que abordassem conceitos relevantes à

formação de psicólogos e à abordagem centrada na pessoa, usando descritores como “Carl Rogers” e “formação de psicólogos”. Foram excluídos materiais que não contribuíssem para o tema ou estivessem fora do escopo da pesquisa. A primeira etapa consistiu na leitura e fichamento minucioso de materiais teóricos e empíricos, seguida pela análise de documentos e legislações que regulamentam a prática psicoterapêutica e a formação profissional.

A avaliação dos materiais foi guiada pela teoria de Carl Rogers e outros autores relevantes da abordagem centrada na pessoa. A análise dos dados focou na interpretação dos fenômenos observados com base na teoria rogeriana, visando identificar padrões e desafios na prática clínica e na formação de psicólogos clínicos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1. Desenvolvendo Atitudes Centrada na Pessoa

1.1. Mudança na Perspectiva Rejeitadora

Em consonância com a perspectiva rogeriana, é importante estabelecer uma diferenciação entre os termos paciente e cliente que, de acordo com Tambara e Freire (1999), está para além de uma simples mudança semântica, já que engloba aspectos filosóficos e sociais relevantes para a compreensão do ser humano. Por essa via, o paciente é compreendido de forma passiva no processo terapêutico, como um indivíduo que precisa ser amparado pelo suposto saber do terapeuta através de orientação, encorajamento e interpretação de seus conflitos. Em contrapartida, quando o cliente sente-se aceito e considerado na relação terapêutica não-diretiva, passa a explorar os seus próprios recursos de maneira mais integrada tornando-se, portanto, agente do seu processo de mudança.

Ao colocar os pressupostos da teoria em prática, Rogers (1992, p.27-28) considera que o terapeuta estará designado à frustração se ele compreender a teoria apenas como uma implementação de técnicas e métodos sem, de fato, atribuí-las a “um conjunto de atitudes coerente e em evolução, profundamente embutido em sua organização pessoal”. Em outras palavras, tais princípios precisam estar atrelados ao modo pelo qual o terapeuta concebe o comportamento e as experiências humanas. Nessa acepção, o psicólogo Brian Thorne (1994 apud TAMBARA; FREIRE, 1999) realiza uma provocação acerca do desenvolvimento do terapeuta, bastando ver que, como você irá oferecer aceitação ao cliente se você é profundamente auto rejeitador?

Conforme Lima, Sousa e Pereira (2020), a revisão exploratória realizada entre a teoria proposta por Zygmunt Bauman acerca da modernidade líquida e de Carl Rogers no campo da abordagem centrada na pessoa, considera acerca dos impactos que a pós-modernidade tem sobre a relação terapêutica não-diretiva. Haja vista que, o contexto histórico, social e cultural exerce influência sobre a subjetividade e as relações humanas. Na perspectiva baumaniana, os vínculos estabelecidos na pós-modernidade são frágeis e superficiais, porém, a lógica operante é de que as pessoas podem ser facilmente substituídas, assim como os produtos o são a partir do consumo em excesso no capitalismo. Na contramão, os pressupostos rogerianos se propõem a estabelecer relações sólidas que promovem condições necessárias para a auto exploração e o desenvolvimento do indivíduo a partir da consideração de todos os seus aspectos subjetivos.

Ainda para os autores, é importante lançar luz sobre a sociedade pós-moderna marcada pela liquidez e pela virtualização das relações e os atravessamentos que esse contexto exerce sobre a clínica rogeriana, sem o intuito de inviabilizar a sua finalidade, mas sim, como uma oportunidade para demonstrar a efetividade que essas relações desempenham sobre a subjetividade. Ademais, essa lógica também impõe ao terapeuta “[...] ser em relação, igualmente incitado pelas imensas 'ondas liquidificantes' desse tempo histórico, mas que quando decide pela força da relação terapêutica promove, junto ao cliente, solidificação” (LIMA; SOUSA; PEREIRA, 2020, p. 183-184).

Diante do exposto acima, é válido ressaltar que a relação terapêutica está muito aquém do espaço físico e de técnicas rígidas que devem ser seguidas, mas sim, envolve uma constante construção de sentidos e formas de ser que englobam o cerne do estabelecimento de condições necessárias para que, nesta relação e, nestas circunstâncias, o cliente sintase livre para explorar os aspectos indesejados e não simbolizados de suas experiências. Para tal, vamos compreender, mesmo que brevemente, quais são as condições para estabelecer essa relação, mais especificamente, marcada pelo estado de incongruência do cliente e de congruência do terapeuta.

1.2. O Lado do Psicoterapeuta

O aprendizado de um terapeuta pode ser comparado com o aprendizado de um músico para tocar seu instrumento: assim como um violinista precisa praticar pacientemente o simples

ato de segurar o arco para conseguir produzir uma bela música, também o terapeuta precisa disciplinar pacientemente sua sensibilidade e intuição para conseguir desenvolver sua capacidade empática a um nível mais profundo (TAMBARA; FREIRE, 1999, p. 151).

Quanto ao desenvolvimento do terapeuta, os autores supracitados destacam que a relação centrada na pessoa difere radicalmente das que são comumente estabelecidas nos relacionamentos pessoais. Sendo assim, essa mudança de atitude requer do terapeuta uma sensibilidade e abertura à experiência para que possa ser um instrumento terapêutico nesta relação. Sobretudo, quando se compreende que as atitudes facilitadoras não se tratam de técnicas a serem aprendidas e aplicadas, mas sim, estão intrinsecamente ligadas à expressão autêntica e genuína do modo de ser do terapeuta.

Em consonância com a perspectiva de Rogers (1992), existem circunstâncias clínicas que são difíceis até mesmo para psicoterapeutas experientes, quando se trata de alcançar a estrutura de referência interna do cliente. Diante desse cenário, pode passar pela cabeça do psicólogo elementos de caráter avaliativo, em que o julgamento do conteúdo relatado está voltado para a sua própria estrutura de referência, ao passo que transfere o foco do cliente para o psicoterapeuta. Sendo assim, o autor reconhece que tais pensamentos podem ocorrer a qualquer um, mesmo àqueles que contemplam atitudes centradas no cliente. Em termos gerais, “quando o orientador está preocupado consigo mesmo e com o que deveria fazer, o foco no respeito que ele sente pelo cliente necessariamente diminui” (ROGERS, 1992, p. 57).

Para a efetividade da relação terapêutica, é crucial que o estagiário/terapeuta crie condições que permitam a expressão e o desenvolvimento de forças internas de crescimento do indivíduo, que tende a seguir um movimento previsível. Notavelmente, um dos aspectos essenciais é a crença de que o cliente possui uma propensão intrínseca para amadurecer e ser responsável por si mesmo, independente do conhecimento do terapeuta. Contrariamente, caso o terapeuta não tenha confiança na habilidade de autonomia do cliente, ele procurará incentivá-lo, orientá-lo e apoiá-lo, adotando posturas tutelares que são frequentemente presentes em interações sociais, as quais podem prejudicar o progresso do

desenvolvimento do cliente (WOOD et al., 2010; TAMBARA; FREIRE, 1999).

Diante de um conflito apresentado pelo cliente, é comum que o terapeuta foque mais na situação específica do que nas emoções e no sofrimento psíquico associados. Na prática clínica, especialmente ao fazer a transição de uma relação interpessoal comum para uma centrada na pessoa, é importante reconhecer que, apesar da compreensão das ações facilitadoras e da autonomia do cliente, há o risco de não abordar adequadamente a dor do cliente na tentativa de protegê-lo do sofrimento. Esses aspectos são frequentemente refletidos nas supervisões.

1.3. O Centro da Relação

Ao considerar acerca da mudança, torna-se essencial iniciar uma análise sobre a essência inerente da relação centrada na pessoa, considerando que são duas vias que se entrecruzam. Nas concepções de Rogers (2009, p. 37), as abordagens que partem de aspectos intelectuais para oferecer ajuda, isto é, que visam ensinar e treinar a pessoa para trilhar caminhos mais satisfatórios, em sua experiência, “são fúteis e inconsequentes”. Considerando que esta conduta resulta em mudanças temporárias que não se sustentam na vida do indivíduo, fazendo-o acreditar na sua inaptidão para a mudança. Em contrapartida, o autor destaca o valor da experiência, argumentando que ao proporcionar uma relação centrada na pessoa, ela descobrirá em si mesma a capacidade de utilizar esta relação como meio para se desenvolver.

Consideravelmente, Rogers (1992) conceitua a estrutura de referência interna do indivíduo como o melhor ponto de observação para compreender os seus comportamentos. Sendo assim, ao adotar a perspectiva do referencial interno do cliente durante a psicoterapia, as atitudes defensivas tendem a diminuir, encorajando a pessoa a expressar o seu mundo de experiências. Conseqüentemente, por meio da comunicação, é possível ampliar a consciência sobre as experiências e os sentimentos vivenciados, alcançando uma compreensão mais abrangente do indivíduo e de suas atitudes.

Ao ponderar sobre a perspectiva do cliente e os princípios da abordagem centrada na pessoa, torna-se evidente a importância de centrar-se na experiência. Em outras palavras, não se deve interpretar o receio de compartilhar aspectos relevantes na sessão como uma falta de confiança pessoal direcionada ao estagiário/terapeuta. Em vez

disso, é crucial compreendê-la à luz das dificuldades em confiar no caráter ético e sigiloso da relação, considerando sua história pessoal. Isso visa facilitar o movimento de explorar sentimentos conflitantes e promover a autoexploração.

Nesse contexto, Rogers (2009) define três condições essenciais para uma relação significativa. Primeiramente, ser autêntico e verdadeiro com o cliente, possibilitando que a relação seja genuína e que o cliente possa ser autêntico consigo mesmo. Em seguida, demonstrar aceitação e apreço pelo cliente, reconhecendo sua autonomia como uma pessoa independente com emoções positivas, negativas e comportamentos contraditórios, o que promove segurança na relação. Por fim, manter o desejo de compreender os sentimentos e pensamentos do cliente, esforçando-se para enxergar o mundo a partir de sua perspectiva, proporcionando, assim, uma atmosfera de liberdade para a autoexploração.

1.4. Quando o Cliente Pergunta

Dentro do contexto relacional clínico, é possível que o cliente direcione perguntas ao terapeuta, que precisam ser compreendidas para além da questão em si. Conforme delineado por Tambara e Freire (1999), é fundamental identificar os sentimentos que motivam a pergunta para centrar-se na experiência do cliente. Em outras palavras, a resposta direciona-se ao sentimento e não ao simples complemento de informações. Sendo assim, o cliente pode questionar o terapeuta por diversas razões, como a preocupação de ser compreendido, a busca por aprovação ou apoio em decisões e atitudes, ou até mesmo expressar empatia, como ao perguntar se o terapeuta está cansado.

Levando este aspecto em consideração, uma experiência clínica comum no estágio, vêm de encontro com as perguntas feitas pelos clientes. Ao lidar com conflitos relacionados aos seus medos e sofrimentos, perguntam para saber se o estagiário/terapeuta também compartilha do mesmo sofrimento. Inicialmente, há um conflito por estar na posição de responder à pergunta, uma vez que o foco está em concentrar toda a sessão sobre os sentimentos e as experiências do cliente. Notavelmente, a pergunta vem de encontro com uma preocupação de não ser compreendido e julgado pelo que sente. Ao fornecer uma resposta, é essencial que seja breve e centrada na experiência do cliente, evitando que a sessão se concentre exclusivamente na figura do terapeuta.

Outro fator importante, para considerar a relação enquanto facilitadora, relaciona-se com a maneira

como o cliente percebe e experimenta a psicoterapia, fundamentada em suas expectativas. Dentre as idealizações, há uma vasta ramificação de possibilidades, como esperar que o terapeuta exerça um papel paternal, que o protegerá dos perigos e irá assumir a direção de sua vida, aconselhar, ou, por outro lado, ter uma perspectiva negativa sobre a relação, por já ter sido julgado, rotulado ou magoado por ter vivenciado experiências negativas anteriormente (ROGERS, 1992).

1.5. O Silêncio

Na Abordagem Centrada na Pessoa, o silêncio não é simplesmente a ausência de palavras, mas uma forma de comunicação rica em significados. Rogers e Kinget (1977) valorizavam o silêncio como um componente fundamental da interação terapêutica, reconhecendo-o como um meio poderoso para a exploração interna e a expressão autêntica do cliente.

Refletir sobre o silêncio nessa abordagem revela que ele pode ser uma forma profunda de comunicação não verbal. Feldmann e Miranda (2002) argumentam que, através do silêncio, os clientes têm a oportunidade de acessar áreas mais sutis e complexas de suas experiências emocionais e cognitivas, onde as palavras podem ser insuficientes. Nesse espaço, a presença e a aceitação do terapeuta permitem que o cliente explore camadas mais profundas de sua verdadeira natureza.

Na terapia centrada na pessoa, o silêncio não é visto como um vazio a ser preenchido, mas como um espaço sagrado onde a autenticidade pode emergir. Rodrigues e Sobrinho (2021) discutem a importância de resistir à pressão de preencher o silêncio com palavras, permitindo que o cliente conduza o ritmo da sessão. Essa atitude respeitosa em relação ao silêncio cria um ambiente terapêutico seguro, onde a expressão do cliente é honrada em todas as suas formas, sejam elas verbais ou não verbais.

O acolhimento e o respeito ao silêncio do cliente são pilares essenciais para construir uma relação terapêutica significativa. Rogers (1959) propõe que o terapeuta, ao adotar uma atitude de aceitação incondicional, deve estender esse princípio ao silêncio do cliente, reconhecendo-o como uma forma legítima de expressão.

O silêncio é também visto como uma linguagem não verbal rica em significados, proporcionando ao cliente um espaço seguro para explorar seus pensamentos, sentimentos e experiências internas. O terapeuta é chamado a acolher esse silêncio com

uma presença atenta, reconhecendo que, às vezes, as palavras são insuficientes para transmitir a complexidade da experiência humana (FELDMANN; MIRANDA, 2002).

AO ACOLHER o silêncio, o terapeuta demonstra um profundo respeito pela autonomia do cliente no processo terapêutico. Rogers (1959) enfatiza que o terapeuta deve demonstrar uma atitude de aceitação incondicional, não apressando o cliente a preencher o silêncio, mas permitindo que ele se estenda organicamente. Essa atitude cria um ambiente terapêutico onde o cliente se sente verdadeiramente ouvido e aceito, promovendo um terreno fértil para o crescimento emocional.

A aceitação e o respeito ao silêncio na Abordagem Centrada na Pessoa vão além de uma mera tolerância, é um convite para que o terapeuta se conecte mais profundamente com a experiência única do cliente, já que ao reconhecer a validade do silêncio como uma forma legítima de comunicação, o terapeuta contribui para a construção de uma relação terapêutica sólida, onde a autenticidade e a expressão livre são celebradas (SCHÜTZ, 2016).

CONCLUSÕES

A análise das diversas facetas do processo terapêutico e do desenvolvimento do terapeuta na Abordagem Centrada na Pessoa revela a profundidade e a complexidade envolvidas na formação de psicólogos clínicos. A ênfase na autenticidade, na compreensão empática e na aceitação incondicional do cliente, aspectos fundamentais da abordagem rogeriana, destaca a importância de uma relação terapêutica que transcenda técnicas e métodos preestabelecidos.

A formação de um terapeuta centrado na pessoa vai além da simples aquisição de conhecimento teórico; ela exige um comprometimento contínuo com o desenvolvimento pessoal e profissional, onde o terapeuta deve ser capaz de integrar suas próprias experiências e superar barreiras internas para oferecer um espaço verdadeiramente facilitador para o cliente.

A Abordagem Centrada na Pessoa, com sua ênfase na relação autêntica e no respeito à autonomia do cliente, oferece um caminho sólido para enfrentar desafios e promover o desenvolvimento humano em sua totalidade.

Ao considerar os aspectos discutidos, fica evidente que o processo de "tornar-se psicoterapeuta" é um percurso contínuo de

autodescoberta e aprimoramento, que demanda do profissional uma postura aberta, sensível e congruente, essencial para o sucesso na prática clínica e na formação de psicólogos capazes de contribuir efetivamente para o crescimento de seus clientes.

REFERÊNCIAS

- FELDMAN, C.; MIRANDA, M. L. **Construindo a relação de ajuda**. Belo Horizonte: Crescer, 2002.
- KAUARK, F.; MANHÃES, F. C.; MEDEIROS, C. H. **Metodologia da pesquisa: guia prático**. Itabuna. Ed. Via Litterarum, 2010.
- KINGET, G. M.; ROGERS, C. R. **Psicoterapia e Relações Humanas**. v. I. Belo Horizonte: Interlivros. 1977.
- LIMA F. L. A.; CARVALHO A. R. R. F.; PIRES G. M. Plantão psicológico como estratégia de clínica ampliada: uma revisão integrativa. **Rev. Saúde e Ciência**, online, v. 9, n. 1, p. 152-169, 2020.
- PERES, R. S.; SANTOS, M. A.; COELHO, H. M. B. Atendimento psicológico a estudantes universitários: considerações acerca de uma experiência em clínica-escola. **Estudos de Psicologia**, v. 20, n. 3, p. 47-57, 2003.
- RODRIGUES, K. M. M.; SOBRINHO, D. F. Desafios de tornar-se terapeuta na abordagem centrada na pessoa. **Humanidades & Inovação**, v. 8, n. 67, p. 290-300, 2021.
- ROGERS, C. R. **Terapia Centrada no Cliente**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- ROGERS, C. R. **Tornar-se pessoa**. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- SCHÜTZ, D. M.; ITAQUI, L. G. O silêncio na psicoterapia a luz da abordagem centrada na pessoa. **Revista do NUFEN**, v. 8, n. 1, p. 76-90, 2016.
- TAMBARA, N.; FREIRE, E. **Terapia Centrada no Cliente, Teoria e Prática: Um caminho sem volta**. Porto Alegre: Delphos, 1999.
- WOOD, J. K. et al. **Abordagem Centrada na Pessoa**. Vitória: Edufes, 2010.